

A ironia como estratégia argumentativa em texto de crítica política da internet

The irony as argumentative strategy in text of critical politics of the internet

Simone Maria Barbosa Nery Nascimento *

RESUMO: A linguagem é considerada por muitos estudiosos um jogo dinâmico entre interlocutores e tem um grande poder de persuasão. Utilizada por pessoas de diferentes classes e em diferentes âmbitos sociais, pode-se dizer que a linguagem, por meio da argumentação, sempre moldou o caráter da sociedade. É também por isso que estudiosos têm se preocupado em analisá-la em seu caráter dialógico. O presente estudo, com o objetivo de identificar valores argumentativos embutidos no discurso, analisa um texto irônico retirado do portal eletrônico, *PortalNosso São Paulo*, o qual publica pensamentos filosóficos, críticas políticas, notícias e dados em geral a respeito do estado de São Paulo. O texto analisado trata-se de um artigo em que seu autor, Célio da Silva Franco, expressa seus pensamentos sobre os discursos políticos apresentados pela propaganda eleitoral televisiva dos candidatos à presidência da República do Brasil, nas eleições de 2006. Para embasamento teórico, recorreu-se aos conceitos de dialogismo, polifonia e heterogeneidade, com bases, principalmente, nos trabalhos de Bakhtin e Authier-Revuz. Constatou-se, no texto analisado, que a ironia é um recurso argumentativo que exige do leitor uma participação ativa no processo de negociação e interpretação do sentido. Dessa forma, o implícito não se recupera facilmente na inversão dos enunciados, mas na contradição dos valores argumentativos arraigados às comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Ironia. Texto argumentativo. Crítica política.

ABSTRACT: The language is considered by many studios a dynamic game between interlocutors and has a great power of persuasion. Used for people of different class and in different social sphere, it can be said that the language, by means of the argument, always molded the character of the society. It is also therefore that studios have the preoccupation in to analyze it in its dialogic character. The present study, with the objective to identify argumentative values inside the discourse, analyzed an ironic text removed of the electronic portal, *Portal Nosso São Paulo*, which publishes philosophical thoughts, critical politics, notice and data in general regarding the state of São Paulo. The analyzed text deals with an article which its author, Célio da Silva Franco, express his thoughts on the politicians discourses presented for the electoral

* Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: simone.mig@hotmail.com

announcement in TV of the candidates to the presidency of the Republic of Brazil, in the 2006 elections. For theoretical basement, it was resorted of the concepts of dialogism, heterogeneity and polyphony, with bases mainly in Bakhtin and Authier-Revuz. It was evidenced in the analyzed text that the irony is an argumentative resource that demands of the reader an active participation in the process of negotiation and interpretation of the meaning. Of this form, the implicit one does not recover easily in the inversion of the statements, but in the contradiction of the argumentative values taken root to the communities.

KEYWORDS: Irony. Argumentative text. critical politics.

Introdução

Nas últimas décadas, teorias linguísticas têm direcionado seus estudos à linguagem social. Uma das preocupações básicas dessas teorias é o funcionamento real da língua em seus diferentes meios e situações discursivas. Considerando o aspecto dialógico da linguagem, esses estudos veem a palavra determinada por quem a emite e também por quem a recebe. Nesse sentido, tem se preocupado em investigar a língua não somente na forma estrutural do enunciado, mas também o valor dessa forma e seus efeitos em uma enunciação pragmática.

Para Ducrot (1987), o problema da pragmática linguística, que diz respeito às investigações sobre a ação humana realizada pela linguagem, é saber porque é possível fazer uso de palavras para exercer uma influência e porque certas palavras, em certas circunstâncias, são dotadas de eficácia.

Neste estudo, portanto, pôde-se identificar, por meio da ironia, possíveis efeitos causados pela linguagem, além do enunciado. Analisou-se um texto irônico retirado de um *site* da internet que trata de críticas políticas, denominado "Portal Nosso São Paulo".

Como veremos, os autores que trabalham com a ironia consideram-na um fenômeno complexo em que o processo interativo entre os interlocutores só pode ser apreendido em termos de dupla enunciação, evidenciada na estrutura argumentativa pelas várias vozes presentes. Um fenômeno relevante da ironia é o aspecto contraditório com o qual, por meio de diferentes pontos de vista, o

locutor pretende persuadir o seu interlocutor.

Com o objetivo de reconhecer e identificar, no texto irônico, os sujeitos, os efeitos ocasionados pelas vozes embutidas no texto e o contexto que condicionaram tal situação, recorreu-se também aos conceitos de dialogismo, de polifonia e de heterogeneidade. Houve, ainda, a necessidade de incorporar ao trabalho a noção de *topoi*, para fins de análise do lugar argumentativo de que falam os participantes do discurso.

Fundamentação teórica

A linguagem de caráter dialógico não está relacionada ao diálogo face a face, mas a um processo interno do discurso em que este é orientado para outros discursos e para o Outro da interlocução. Nesse sentido, o dialogismo não aconteceria sem a interação verbal, ou seja, o sujeito falante é um sujeito situado que se define a partir do outro.

Sobral (2005, p.22) explica que:

A proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formatação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/ responsivo, que lhe dá sentido.

Sendo assim, o princípio dialógico da língua considera os elementos sociais que formam o contexto de interação, como a polifonia – presença de várias vozes ou pontos de vistas no discurso.

Os estudos da enunciação, tratados por Ducrot (1987), partem dos estudos de Bakhtin que, segundo Bezerra (2005), em princípio, na prosa romanesca, descreve o dialogismo e a polifonia como uma vinculação à natureza ampla do universo do romance. Dessa forma, observa-se o grande número de personagens e a capacidade do romancista para recriar a riqueza dos seres, traduzida nas várias vozes da vida social. A ideia de vozes, portanto, não serve para cobrir os casos em que o enunciado é referido a uma voz coletiva difundida em uma personagem única. Percebe-se, pois, que na modalidade monológica da linguagem, em que não se admite uma segunda voz

no discurso, o indivíduo é considerado um escravo mudo da consciência, suas personagens não têm nada a dizer, já que seu autor disse por elas e por si.

Por admitir a linguagem de um ponto de vista histórico-social e incluir os sujeitos nos discursos envolvidos, Bakhtin, segundo Brait e Melo (2005), à medida que elabora uma teoria enunciativa-discursiva, também propõe reflexões acerca do enunciado e da enunciação. Nessa visão, o enunciado e a enunciação configuram o processo interativo do verbal e o não-verbal que integram a situação e, ao mesmo tempo, fazem parte de um contexto histórico maior.

Bezerra (2005, p. 194) considera, ainda, que o tratamento dialógico da linguagem, por ser um processo de comunicação interativa, o “eu” em um romance “só pode ter vida real em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos”.

Sobre esse assunto, Ducrot (1987), ao definir as noções de sujeito, diz que, primeiramente, o sujeito é dotado de toda atividade psicofisiológica em uma produção do enunciado, atribuindo a ele a atividade intelectual na formação de um julgamento, escolha das palavras e a utilização das regras gramaticais. O segundo atributo é de um sujeito que ordena, pergunta, afirma, ou seja, produz a origem dos atos ilocutórios do autor do enunciado. Assim, havendo uma só pessoa produtora do enunciado, será necessário admitir uma única pessoa na origem dos atos ilocutórios.

Além dos atos ilocutórios é atribuída ao sujeito falante a propriedade de designação pelas marcas de primeira pessoa, porém, no caso dos discursos relatados em estilo direto, o pronome *eu* não se refere à pessoa que o pronuncia, simplesmente constitui a *menção* de palavras da língua (quando a palavra é utilizada para significar a própria palavra e não um sentido desta palavra).

Portanto, para que o enunciado tenha sentido, Ducrot (1987) se preocupa em descrevê-lo em sua enunciação, mencionando indicações argumentativas, ilocutórias e o que o enunciado apresenta no seu próprio sentido, o que quer dizer com os eventuais autores da enunciação.

Ducrot (1987), tendo como objeto de análise enunciados nos quais é possível identificar mais de uma voz, ressalta que é possível distinguir, em uma enunciação, dois tipos de personagens: o *enunciador e o locutor*. Na polifonia, as vozes que se expressam não são de um locutor e sim de um enunciador que expressa seu ponto de vista.

O locutor, em um primeiro momento, é um ser que no próprio sentido do enunciado é apresentado como responsável por este enunciado, a ele refere o pronome *eu* e outras marcas da primeira pessoa, desde que não se leve em conta o discurso relatado direto. No entanto, o locutor tanto pode coincidir com o seu autor empírico como pode ser diferente. Há casos, por exemplo, em que uma declaração é produzida por uma pessoa que não o assinante, mas que traz a marca da primeira pessoa. Essa só terá validade depois de assinada pelo responsável que assume a responsabilidade pelo enunciado e todo o conteúdo da declaração.

Distinguido, portanto, o sujeito empírico do sujeito do discurso, Ducrot (1987) propõe distinguir os locutores no próprio interior da noção de locutor, ou seja, distingue o locutor enquanto tal ("L") e o locutor enquanto ser do mundo ("^"). "L" é o responsável pela enunciação, ao que se pode dizer que é o ser a quem se atribui um sentimento expresso em uma interjeição, por exemplo. No caso de "^", ele é atribuído aos enunciados declarativos pelo fato dos sentimentos aí aparecerem como exteriores à enunciação, como um objeto da enunciação.

Assinalada essa primeira forma de polifonia, ao evidenciar a existência de dois locutores distintos, Ducrot (1987) apresenta a noção de enunciador, pelo qual são apresentadas vozes que não as do locutor. O autor, portanto, conceitua enunciadores como:

[...] seres que são considerados como se expressando através da enunciação, sem que para tanto se lhe atribuam palavras precisas; se eles "falam" é somente no sentido em que a enunciação é vista como expressando seu ponto de vista, sua posição, sua atitude, mas não, no sentido material do termo, suas palavras (DUCROT, 1987, p. 192).

Ao enunciador, Ducrot faz uma correspondência ao que Genette, no

romance, considera "centro de perspectiva" (o sujeito de consciência), a pessoa de cujo ponto de vista são apresentados os acontecimentos ou, ainda, é "quem vê", enquanto Genette diz que o narrador é "quem fala".

O locutor fala no sentido em que o narrador relata, ou seja, ele é dado como a fonte de um discurso. Mas as atitudes expressas neste discurso podem ser atribuídas a enunciadores de que se distancia – como os pontos de vista manifestados na narrativa podem ser sujeitos de consciência estranhos ao narrador (DUCROT, 1987, p.196).

Para Maingueneau (1993), além da pressuposição, da negação e outros casos em que há polifonia, a ironia é um exemplo pertinente sobre a noção de locutores e enunciadores, pois ao se dizer "A" para levar a entender "não-A", "A" não se atribui a L, mas a um E, que sustenta o ponto de vista sem aparecer senão marcado pela evidência situacional, entonações, etc.

Quanto à heterogeneidade, um mesmo texto pode apresentar posições várias se relacionando, por isso é heterogêneo. Dessa forma um mesmo enunciado pode ser compreendido de duas maneiras, dependendo do lugar ideológico de onde é enunciado (MUSSALIM e BENTES, 2001, p.126).

Segundo Passeti (1995), o discurso irônico opera com enunciados que revelam a superposição de duas enunciações na organização de sua estrutura argumentativa, feita pelo autor. Por meio da polifonia de enunciadores, pode-se chegar a formações discursivas diferentes que, por sua vez, revelam formações ideológicas também diferentes. Dessa forma, é preciso relacionar a noção de polifonia com formação discursiva e, por conseguinte, com ideologia.

Segundo Authier-Revuz (1982), o heterogêneo opõe-se ao homogêneo. Recorrendo aos estudos de dialogismo, concebido pelo círculo de Bakhtin, Authier-Revuz indica algumas formas de heterogeneidade mostrada que se articulam sobre a realidade da heterogeneidade constitutiva do discurso. A heterogeneidade mostrada incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a heterogeneidade constitutiva permanece no interdiscurso.

Existem três tipos de heterogeneidade mostrada que assinalam de formas diferentes a presença do Outro e que são apontadas pela autora:

- a) aquela em que o locutor ou usa de suas próprias palavras para traduzir o discurso de um Outro (discurso relatado) ou então recorta as palavras do Outro e as cita (discurso direto);
- b) aquela em que o locutor assinala as palavras do Outro em seu discurso, por meio, por exemplo, de aspas, de itálico, de uma remissão a outro discurso, sem que o fio discursivo seja interrompido;
- c) aquela em que a presença do Outro não é explicitamente mostrada na frase, mas é mostrada no espaço do implícito, do sugerido, como nos casos do discurso indireto livre, da antífrase, da ironia, da imitação, da alusão. (AUTHIER-REVUZ, 1982, apud MUSSALIM e BENTES, 2001, p. 128).

A heterogeneidade mostrada pode ser ainda marcada ou não-marcada. Quando for marcada pertencerá à ordem da enunciação, visível na materialidade da língua, como, por exemplo, o discurso direto e as palavras entre aspas. Quando for não-marcada será da ordem do discurso, como é o caso do discurso indireto livre e da ironia.

Ironia

Dentre as várias concepções sobre a ironia, relegadas a outras ciências ou mesmo a ironia tratada tradicionalmente como um desvio ou como antífrase, existe a ironia que é um recurso utilizado pela linguagem pelo qual se pode evidenciar a relação ou a presença do Outro no discurso. Sua peculiaridade está na característica de não apagar valores anteriores aos novos propostos, por isso é muito utilizada como estratégia argumentativa em textos críticos, textos jornalísticos e, principalmente, quando o tema é polêmico.

Segundo Castro (1997, p. 137), o resultado é de um texto que busca apreender o real e revolver a camada ideológica que mascara a realidade, conseguindo, portanto, “questionar a realidade, desfazer verdades e raciocínios, dessacralizar valores instituídos e desvelar uma outra face de mundo”.

No texto irônico, o locutor é explicitamente apresentado, é quem dirige o discurso ao interlocutor. Já o enunciador nem sempre se apresenta identificado no processo ilocutório, entretanto é o responsável pelo ponto de vista implícito.

Segundo Maingueneau (1993, p. 98), “a ironia subverte a fronteira entre

o que é assumido e o que não o é pelo locutor”, cabendo ao interlocutor a capacidade de interpretar a posição irônica colocada na enunciação. O autor explica que o locutor coloca em cena um enunciador que adota uma posição absurda e cuja alocução não pode assumir, o que dificulta a transcrição da ironia, somada à situação de nem sempre estarem presentes alguns recursos da língua como as aspas, ponto de exclamação e outros índices que poderiam contribuir para que fosse desvendada. Na ausência desses índices, resta, segundo o autor, confiar no contexto, para nele recuperar elementos contraditórios.

Brait (1997, p. 130) diz, sobre o assunto, que “convém ressaltar que o autor fala a linguagem do outro, porém, reveste essa linguagem de orientação oposta a do outro. É uma espécie de emprego ambíguo do discurso do outro”. De fato, no caso da ironia, a palavra tem duplo sentido: volta-se para o objeto do discurso como palavra comum e para um outro discurso, implicando o reconhecimento de um segundo contexto. Portanto, o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes, a segunda voz, sendo instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins opostos (BRAIT, 1997).

A autora ressalta que ironizar é dizer algo pelo enunciado e, portanto, remeter a enunciação, mas, sobretudo, volta-se contra a própria enunciação acrescentando-lhe uma ideia oposta no mesmo instante em que é enunciada. O enunciado irônico é, assim, interpretado como uma pluralidade de vozes orientadas nos eixos da contradição.

Ducrot (1987, p. 197) descreve a ironia como se configurando na inversão total do seu sentido literal. Sperber-Wilson & Berrendonner (apud DUCROT, 1987, p. 197) dizem que “um discurso irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do locutor, coisas evidentemente absurdas, a fazer, pois, ouvir uma voz que não é a do locutor e que sustenta o insustentável”. Os estudiosos utilizam a expressão “mencionar um discurso”, o que, para Ducrot (1987), aparenta ambiguidade, podendo a ironia significar uma forma de discurso relatado sendo que, para ele, não há nada de irônico

em relatar que alguém sustentou um discurso absurdo - prefere alegar que "para que nasça a ironia, é necessário que toda marca de relato desapareça, é necessário 'fazer como se' este discurso fosse realmente sustentado, e sustentado na própria enunciação". Ducrot (1987) complementa dizendo que "o locutor 'faz ouvir' um discurso absurdo, mas que o faz ouvir como o discurso de um outro, como um discurso distanciado" (p.198).

Dessa forma, o autor distingue o locutor dos enunciadores. Segundo ele, falar de modo irônico, para um locutor "L", é apresentar a enunciação como expressando a posição de um enunciador, da qual o locutor não assume a responsabilidade, considerando-a absurda. "E" é a origem do ponto de vista exposto na enunciação. Essa distinção permite a explicação do aspecto ambíguo da ironia, da qual a posição absurda é diretamente expressa na enunciação irônica e não é atribuída a "L", já que este é responsável pelas palavras e os pontos de vista manifestados nas palavras são atribuídos a outro personagem. O enunciador sério, portanto, não aparece no enunciado, mas se recupera no processo da enunciação pelo desvendamento das relações intertextuais e contextuais.

É interessante ressaltar, ainda, a concepção de Passetti (1999) de que o que não se pode negar é que o autor, através da figura do locutor, tenha dito o que disse, todavia porque disse não significa que seja responsável ou que concorde com o ponto de vista explicitamente veiculado. Além da organização discursiva, o autor, ainda, é responsável "por colocar no texto determinado enunciador ou locutor e implicar outros, por construir o texto levando em conta sua posição sócio-histórica enquanto destinador e a de seus destinatários" (PASSETTI, 1999, p. 17).

A partir de seus lugares discursivos como destinador e destinatários, os sujeitos desempenham não só papéis enunciativos, mas também um papel discursivo e pragmático, em que agrupam com unidade e coerência os elementos do discurso no texto (PASSETTI, 1995).

Outro aspecto questionado por Passetti diz respeito ao que seria o "contrário" da ironia, uma vez que percebeu que era impossível construir uma

versão totalmente contrária do texto, tendo em vista que muitas expressões precisariam se manter como estavam para dar o "sentido contrário". A autora, pois, acrescenta que, com estudos da pragmática, fica mais fácil perceber que a contradição que aí se dá não é de expressões em si, mas de valores argumentativos que, segundo ela, só poderia ser tido como contrário se o leitor ou ouvinte tivesse com o autor um quadro de valores de referência comum. Assim sendo, o discurso irônico exige uma interação entre os seus sujeitos, tanto na instância de produção quanto na de recepção.

O discurso irônico pode ser, ainda, evocado por meio de vários recursos argumentativos. Dessa forma, pode acontecer o reconhecimento da ironia sem a necessidade de apelar para o conceito de contrário. Para tanto, coloca no exame três novos elementos: a analogia, a argumentação indireta e "sinais" emitidos pelo enunciador. A partir disso, a autora comenta a relação entre hipérbole e ironia, a técnica das perguntas reiteradas e perguntas pseudo-ingênuas, que podem funcionar como argumentação irônica. Esse aspecto da interrogatividade, por exemplo, caracteriza a argumentação quando alguém pergunta e não há uma resposta ou o enunciador responde sem dizer a que pergunta responde. O texto irônico se constitui como simulador porque sinaliza para o leitor essa ambiguidade. Com isso, entende-se que a contradição da ironia é uma contradição de valores argumentativos.

De modo geral, a argumentação é um recurso utilizado como modo de convencer alguém sobre algo. Na via de Ducrot e Ancombre citados por Guimarães (2005), a argumentação é tratada como uma relação de linguagem, uma relação de significação. A posição dos autores considera a orientação argumentativa como um implícito, que se dá como dito, como se não fosse dito no acontecimento. Essa ideia tem uma formulação a partir do conceito de *topos* (tomado a Aristóteles): "lugares de argumentação, de algum modo, organizado pela língua".

As formas que representam na enunciação os enunciadores, convocam os *topoi* a partir dos quais se argumenta. Ou seja, na via da semântica argumentativa, o externo à língua, o *topos*, funciona na enunciação convocado pela língua. Deste modo se preserva a

autonomia da língua, relativamente a sua exterioridade (GUIMARÃES, 2005, p. 79).

Segundo Passetti (1995), *topoi* é o lugar comum partilhado pela comunidade, que permite a construção de duas argumentações e pode também localizar a contradição irônica. Segundo a teoria, o *topos* tem, pelo menos, três qualidades: a) ser universal, comum a uma comunidade linguística; b) ser geral, o princípio argumentativo deve ser considerado válido; e c) ser gradual, o que significa que o argumento assegure a passagem de um elemento semântico “e” para uma conclusão “r”, colocando duas escalas que se correspondem. Justificando a gradualidade dos *topoi*, Ducrot chega às formas tópicas, que seriam as várias formas equivalentes de um mesmo *topos*.

Apresentação e discussão dos dados

O texto intitulado “A ilha da fantasia chamada Brasil” foi publicado em 01 de Setembro de 2006 em uma página da internet que trata da política brasileira. Denominado “Portal Nosso São Paulo”, o *site* foi criado em março de 2002 por seu gestor Célio Franco. O portal, com manutenção de informações diárias acerca do Estado de São Paulo e de outros estados e cidades, tem por objetivo despertar a consciência política do povo brasileiro. O portal oferece ainda, além das informações sobre a política brasileira, *links* para acessos aos *sites* dos Poderes da República.

O texto publicado na seção “Pensamento do dia, pensamento e filosofia” e utilizado como estratégia argumentativa, faz o seu interlocutor refletir sobre os acontecimentos do dia na política e, especificamente, sobre os discursos políticos apresentados pela propaganda eleitoral televisiva dos candidatos à presidência da República do Brasil, nas eleições de 2006.

O texto reconstrói de forma argumentativa o cenário político do momento. O contexto histórico é permeado pelo ano de eleições presidenciais, em que os políticos procuram de todas as formas demonstrar que são benfeitores. Assim, são capazes de apresentar obras de todas as espécies,

fazem promessas e garantem a “salvação da pátria”. De forma geral, por um lado, há o povo brasileiro necessitando ver uma verdadeira política governamental, enquanto, por outro lado, o político tenta mostrar seu governo, considerado por ele extraordinário. Assim, duas ideologias, ao menos, são recuperadas no texto pelos seus enunciadores. A ironia, segundo Passetti (1999), é uma construção de linguagem complexa, que envolve a inter-relação de estratégias enunciativas e pragmático-discursivas, essa complexidade exige do sujeito leitor uma postura crítica para depreender o ponto de vista implícito. O texto analisado pretende apresentar as estratégias enunciativas da ironia, o que se percebe no início do texto e se comprova com o seu desenvolvimento.

Na introdução do texto, como crítica à administração do governo, o locutor expõe um enunciador absurdo que é revestido de forma a sustentar o que disse pelo enunciado sobre a política brasileira, mas implicitamente o enunciador sério deixa as pistas de seu ponto de vista sobre tal governo. A crítica continua no desenrolar do texto, mas de forma completamente aberta. Nessa parte, o enunciador sério expõe com detalhes o seu pensamento sobre a política do Brasil, esclarecendo a ideia sugerida pelo título do texto de que tudo se trata de uma fantasia, de uma ilusão, ou seja, a ilha da fantasia chamada Brasil.

Como o objetivo inicial era desvendar o implícito da enunciação causado pela ironia, o trabalho se aterá em analisar os enunciadores somente desse primeiro momento do texto, especificamente nos dois primeiros parágrafos do texto, onde ocorre a ironia sem que haja interrupção do fenômeno pelo enunciador sério, pois, no terceiro parágrafo, as pistas para o ponto de vista sério já começam a ser explicitadas. Pode-se dizer que todo o texto é constituído pela ironia. No entanto, no quarto parágrafo, os enunciados apenas retomam e reforçam o já discutido anteriormente. Dessa forma, acredita-se que a análise consegue mostrar suficientemente, nos primeiros parágrafos, as várias vozes embutidas no discurso pelo recurso em questão.

Antes de colocar em cena os enunciadores a quem se deve os pontos de vistas expressos na enunciação, se apresentará, conforme Ducrot (1987), um

sujeito que é, primeiramente, dotado de toda atividade psicofisiológica na produção dos enunciados, atribuída a ele a atividade intelectual na escolha das palavras e na utilização das regras gramaticais. O autor é, então, o responsável pela organização das estratégias argumentativas, construída a partir de seu lugar histórico-social. No texto "A ilha da fantasia chamada Brasil" (cf. Anexo), o atributo da autoria se deve ao engenheiro elétrico Célio Franco.

Na organização das estratégias argumentativas, porém, deve o autor fazer aparecer ao leitor certo distanciamento entre o locutor que veicula o enunciado e o enunciador que rejeita o que está explícito. No prisma polifônico, faz-se necessário apresentar seus enunciadores, identificando os locutores sério e absurdo.

Conforme segue o primeiro parágrafo, o texto anuncia que as propagandas eleitorais do candidato em questão, apesar de serem repetidas, mostram várias obras e benfeitorias. De forma indireta, portanto, o autor irônico critica o candidato ao dizer que apresenta feitos incríveis em todas as áreas e que é um verdadeiro super-homem, senão até mais competente e preparado.

Na análise, para situar o leitor, será apresentado, primeiramente, todo o parágrafo. As expressões que se encontram em itálico são destaques do próprio autor do texto.

1. Me detenho a observar, por alguns minutos, a propaganda eleitoral televisiva dos candidatos à presidência da República do Brasil... e tem início a hora e a vez do PSDB, que antigamente, nos idos dos saudosos Mário Covas e Franco Montoro, já refletiu a esperança de termos uma social democracia neste país... E o atual candidato, ex-Governador por quase OITO anos, demonstrando uma pobreza imensa na criatividade de sua assessoria, repete as propagandas passadas - até parecem ser as mesmas -, mostrando estradas, hospitais e escolas, aparecendo junto ao povo pobre e trabalhador, humilde e ignorante, que tudo faz para ser coadjuvante numa propaganda transmitida pela TV... *e apresenta feitos incríveis... em todas as áreas: na Segurança Pública (hic), na Saúde, na Educação (hic hic), nos Transportes, na Economia, nos Impostos...um verdadeiro Super-Homem ... senão até mais competente e 'preparado' ...!!!*

A ironia se dá a partir do momento em que o sujeito-autor opera com

estratégias enunciativas. O ex-governador, por ser um grande homem, exercerá um melhor governo do que na gestão anterior, é competente e está preparado para isso. Já que realizou grandes obras em todas as áreas em sua última gestão, passa a ser um forte candidato nas eleições. Caso contrário, não demonstrando realizações de obras, demonstra-se também incapaz de assumir a próxima gestão.

Para desvendar o ponto de vista dos enunciadores do primeiro enunciado irônico do texto, deve-se lembrar de que nem sempre o "contrário" da expressão em si leva à idéia ou ao "sentido contrário". Dessa forma, analisemos o enunciado, considerando *En absurdo*, o enunciador absurdo; e *En. sério*¹, o enunciador sério:

1) *...e apresenta feitos incríveis...em todas as áreas.*

En. absurdo: ...e apresenta grandes feitos, feitos incríveis em todas as áreas.

En. sério: não fez nada, só repete.

Como forma de chamar a atenção e enfatizar a ironia, o autor destaca em negrito o enunciado, reforçando ainda mais a crítica feita ao governo.

Pensando nas formas linguísticas, se considerarmos apenas o enunciado "*...e apresenta feitos incríveis*", a ironia recairá sobre o adjetivo "incríveis". Invertendo-o ficará: "apresenta feitos não-incríveis", ou seja, leva-nos a entender que talvez não sejam "incríveis" ou tão bons e grandes os seus feitos, mas que não os deixa de fazer ou apresentar. No entanto, ao analisarmos também a sequência, levando em conta as reticências, tem-se uma outra enunciação: "apresenta feitos incríveis, mas não em todas as áreas."

Outra marca que leva à ironia é o "*hic hic*", que aparentemente remete a risos, como em:

...e apresenta feitos incríveis... em todas as áreas: na Segurança Pública (hic)

1 En. absurdo - A posição absurda está diretamente expressa na enunciação irônica, mas não é atribuída ao locutor empírico, pois ele só é responsável pelas palavras. En. sério - "Os pontos de vista" demonstrados na enunciação são atribuídos a uma outra personagem, o enunciador sério.

na Saúde, na Educação (hic hic), nos Transportes, na Economia, nos Impostos...

Conforme alguns autores, essas marcas são sinais ou recursos argumentativos que nos fazem identificar, sem apelar para o conceito de contrário, ou, no caso, nos ajudam reconhecer a construção irônica.

Vejamos o segundo enunciado:

2) ...um verdadeiro Super-Homem...senão até mais “preparado”...!!!

Além de negrito, a palavra que remete a um super-herói se inicia com letras maiúsculas. Isso significa que não é mesmo qualquer homem, além de ser até mais preparado que o herói do filme. Ainda, para o atributo “preparado” que está entre aspas, outro recurso que reforça a argumentação irônica, é a existência de dois argumentos:

- a) Está preparado;
- b) Não está preparado.

Por estar entre aspas, o enunciador sério pode remeter à uma outra pressuposta voz: a de que o candidato e sua assessoria não têm capacidade nem para preparar novas propagandas eleitorais, tendo de repeti-las. Como estaria preparado para a administração governamental?

O atributo nos remete, ainda, à ideia de que o candidato está pronto ou tem capacidade para dirigir o Estado. No entanto, o enunciador sério nos revela a sua incompetência.

A partir de seus lugares argumentativos, chegamos aos seguintes enunciadores:

En. absurdo: um verdadeiro homem, grande político, até mais competente e preparado que um super-herói.

En. sério: um homem de nada, incapaz e incompetente.

Em “um verdadeiro Super-Homem... senão até mais competente e

'preparado'...!!!", o enunciador absurdo, simultaneamente, faz uso de dois recursos linguísticos ao utilizar o atributo Super-Homem: uma analogia, comparando o candidato a um super-herói dos desenhos e filmes, o qual consegue realizar todos os seus pretensos e, ainda o exalta, fazendo uso de

uma hipérbole, em que o Super-Homem pode ser considerado um grande homem capaz de realizar grandes obras. A forma "senão até mais", remete a uma comparação, ou seja, o candidato deve ser mais competente, ou levando-se em conta a falta de criatividade no preparo das propagandas eleitorais, o candidato estaria menos preparado.

No segundo parágrafo, o *topos* do qual parte o autor para enunciar "que maravilha poder viver num estado tão bem administrado" e "...Isso é que é vida boa...!!!" é o de que um bom governante realiza grandes obras para que seus governados vivam bem, conforme segue:

2. Esquecendo a falta de criatividade, *que maravilha poder viver num estado tão bem administrado*, onde as pessoas nem mesmo precisam de cercas nas suas casas, tão seguras se sentem, onde existe o PLENO EMPREGO e onde todos são tão bem tratados pela saúde pública, pelo transporte público, pelos serviços públicos de modo geral... Na educação então, nem se fala, ter UMA HORA A MAIS de aula deixou todos os professores e alunos MARAVILHADOS..., eles adoram, mormente no período da tarde, poder sair já à noite das aulas e caminharem até as suas casas..., pelas nossas tranqüilas e bem iluminadas ruas e avenidas (sic...)..., e com o fabuloso Escola da Família então..., nem mais reconhecemos os nossos filhos e filhas, tão 'cultos' se tornaram: ... aprendem inglês, espanhol e alemão... talvez até japonês..., cantam e dançam como artistas famosos, ou praticam esportes como campeões..., um verdadeiro espetáculo !!!... E as famílias, então, que desfrutam hoje de todo o lazer proporcionado pela 'magnífica estrutura' de atendimento que foi implantada nas escolas públicas... e dos monitores bolsistas... (das Unips e etc...) !!! Os professores e diretores, então, como estão contentes e motivados... Também, o salário deve ser de 'primeiro mundo'... *Isso e que é vida boa...!!!*

A contradição está, portanto, em: "não é bom viver em um estado que não seja bem administrado".

Chegamos a esse *topos* a partir dos enunciados destacados. No entanto, no decorrer de todo o parágrafo, é explicitada com detalhes os motivos de se

viver bem em nosso país. Analisemos, primeiramente, os enunciadores dos trechos destacados, para, posteriormente verificar as vozes existentes nos demais enunciados:

3) ...que maravilha poder viver num estado tão bem administrado...

En. absurdo: é muito bom poder viver em um estado bem administrado.

En. sério: não é nada bom viver em nosso país, onde não existe qualquer administração.

4) ... *Isso é que é vida boa...!!!*

En. absurdo: A vida neste país é muito boa.

En. sério: Essa vida, sem qualquer benfeitoria do governo, é péssima.

Passemos a verificar os enunciadores dos enunciados que detalham a maravilha de se viver bem em nosso estado, lembrando de que o parágrafo todo é totalmente irônico, com exceção da primeira oração, em que o autor se reporta à falta de criatividade dos políticos. Vejamos todos em uma única sequência:

5) ...*onde as pessoas nem mesmo precisam de cercas nas suas casas, tão seguras se sentem..*

En. absurdo: as pessoas não precisam se proteger mais do que estão protegidas pela segurança do estado.

En. sério: as pessoas vivem com medo da falta de segurança, precisam se alertar com os métodos possíveis para se protegerem.

6) ...*onde existe o PLENO EMPREGO...*

En. absurdo: onde não falta emprego.

En. sério: não existe emprego pleno.

As letras em caixa alta são um outro recurso utilizado para reforçar a argumentação irônica.

7) ...*e onde todos são tão bem tratados pela saúde pública, pelo transporte público, pelos serviços públicos de modo geral...*

En. absurdo: todos têm plena assistência em todas as áreas do serviço público.
En. sério: o atendimento ou assistência pública deixa muito a desejar, as pessoas nem ao menos são atendidas quando necessitam.

8) *Na educação então, nem se fala, ter UMA HORA A MAIS de aula deixou todos os professores e alunos MARAVILHADOS...*

En. absurdo: todos gostaram muito da ideia de se ter uma hora a mais de aula.
En. sério: professores e alunos ficaram estarecidos com a ideia de se ter uma hora a mais de aula.

As palavras e atributos em destaque pelas letras maiúsculas reforçam a idéia de que o enunciador sério não só quis dizer o contrário, mas bem mais do que isso, ficou mesmo indignado com a situação.

9) *eles adoram, mormente no período da tarde, poder sair já à noite das aulas e caminhar até as suas casas..., pelas nossas tranqüilas e bem iluminadas ruas e avenidas (sic...)...*

En. absurdo: adoraram a ideia de ir embora para suas casas mais tarde, até mesmo porque não tem perigo algum andar pelas ruas que garantem total segurança.

En. sério: os professores e alunos reprovaram a ideia de saírem mais tarde da aula também pelo medo de transitarem pelas perigosas ruas da cidade.

10) *e com o fabuloso Escola da Família então..., nem mais reconhecemos os nossos filhos e filhas, tão 'cultos' se tornaram: ... aprendem inglês, espanhol e alemão... talvez até japonês..., cantam e dançam como artistas famosos, ou praticam esportes como campeões..., um verdadeiro espetáculo !!!...*

En. absurdo: Os filhos ficaram tão inteligentes e cultos com as benfeitorias do governo na área educacional que nem mais os reconhecemos.

En. sério: a educação está tão crítica que os nossos filhos não aprendem mais nada.

11) *E as famílias, então, que desfrutam hoje de todo o lazer proporcionado pela 'magnífica estrutura' de atendimento que foi implantada nas escolas públicas... e dos monitores bolsistas...*

En. absurdo: as famílias estão muito contentes e descansadas com toda a estrutura educacional.

En. sério: existe uma preocupação por parte da família com relação à educação, elas não estão tão tranquilas e descansadas como os políticos alegam.

12) *Os professores e diretores, então, como estão contentes e motivados... Também, o salário deve ser de 'primeiro mundo'.*

En. absurdo: Os professores estão muito satisfeitos com seus salários.

En. sério: Os professores não têm motivação alguma para continuar trabalhando com um salário mísero, de país menos que subdesenvolvido.

As aspas no *primeiro mundo* podem reforçar a idéia de que o país está longe de ter uma categoria de primeiro mundo.

No final do texto, já explicitado o ponto de vista do enunciador sério, para reforçar a argumentatividade, o locutor, ainda, direciona o seu interlocutor a uma reflexão, fazendo uso de questões interrogativas. Passetti (1995) coloca no exame da organização argumentativa a técnica das perguntas reiteradas e perguntas pseudo-ingênuas. Esse aspecto da interrogatividade caracteriza a argumentação quando alguém pergunta e não há uma resposta ou o enunciador responde sem dizer a que pergunta responde. Dessa forma, esse recurso também pode nos levar a diferentes enunciadores e pontos de vistas. Ressalta-se que, para que se alcance o objetivo de convencer o seu leitor, o texto argumentativo pode utilizar vários outros recursos, como esse da interrogatividade, aliados à ironia.

Considerações finais

Como visto, a ironia é um recurso argumentativo que exige do leitor uma participação ativa no processo de negociação e interpretação do sentido. No texto analisado, pode-se perceber que o enunciador sério não se recupera facilmente em uma simples inversão do enunciado, mas na contradição dos valores argumentativos das comunidades ideológicas.

O texto de caráter argumentativo, portanto persuasivo, tem todo um processo de condução do leitor à ideologia do autor. No desenvolvimento da argumentação consegue fazer uso de outros recursos que vão conduzindo ao convencimento do leitor.

Percebe-se que seu autor, ao anunciar os “feitos” políticos, pretende criticá-los fazendo uso da ironia. Como visto, a peculiaridade da ironia está na característica de manter os valores anteriores aos novos propostos, por isso é muito utilizada como estratégia em textos críticos. Dessa forma, nesse primeiro momento, o texto faz uma crítica sem deixar marcas expressas e, por outro lado, faz com que o leitor se aproxime.

Em outro momento, o autor - ao tentar alertar o leitor, que ocupa o lugar do povo e ainda acredita nas hipocrisias políticas apresentadas - já aponta o ponto de vista de um enunciador sério, demonstrando e criticando a realidade da política brasileira de forma que se evidencie toda a sua indignação e injúria.

Por meio da análise, percebe-se, portanto, que são vários os recursos utilizados para o desvendamento da ironia, inclusive o *topos* argumentativo que nos faz pensar na contradição sem que, necessariamente, o enunciado, em sua estrutura gramatical, seja invertido, mas apenas seu sentido.

Referências

AUTHIER-REVUS, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). Trad. Celen Cruz e João W. Geraldi. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.

CASTRO, Maria Lilia Dias de. A Dialogia e os efeitos de sentidos irônicos. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas,

SP: Editora da UNICAMP, 1997.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

FRANCO, Célio. *A ilha da fantasia chamada Brasil*. São Paulo, 2006. Disponível em <http://www.nossosaopaulo.com.br/Reg_SP/Amar_Instruir/Ainst_PensSet2006.htm>. Acesso em 25 fev. 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido*. São Paulo: Pontes, 3.ed., 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. Campinas, 2.ed., 1993.

PASSETTI, Maria Célia Cortez. *O discurso irônico: análise da argumentação irônica em textos opinativos da Folha de S. Paulo*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual Paulista-UNESP, Assis/SP.

PASSETTI, Maria Célia Cortez. O discurso irônico em textos opinativos da Folha de S.Paulo. In: VASCONCELOS, Silvia Inês Coneglian Carrilho de. (org.). *Os discursos jornalísticos: manchete, reportagem, classificados & artigo*. Itajaí-SC, Maringá-PR: Univali, 1999. p.7-60.

SOBRAL, Adail. Ato/Atividade e Evento. In: BRAIT, Beth. (org.). *Bakhtin: conceitos chaves*. São Paulo: Contexto, 2005.

ANEXO

01/Setembro/2006:

"A ILHA DA FANTASIA CHAMADA BRASIL"

- ... o sonho com o qual os candidatos do PT e do PSDB tentam iludir os incautos ... -

" Me detenho a observar, por alguns minutos, a propaganda eleitoral televisiva dos candidatos à presidência da República do Brasil... e tem início a hora e a vez do PSDB, que antigamente, nos idos dos saudosos Mário Covas e Franco Montoro, já refletiu a esperança de termos uma social democracia neste país... E o atual candidato, ex-Governador por quase OITO anos, demonstrando uma pobreza imensa na criatividade de sua assessoria, repete as propagandas passadas - até parecem ser as mesmas -, mostrando estradas, hospitais e escolas, aparecendo junto ao povo pobre e trabalhador, humilde e ignorante, que tudo faz para ser coadjuvante numa propaganda transmitida pela TV... **e apresenta feitos incríveis... em todas as áreas:** na Segurança Pública (hic), na Saúde, na Educação (hic hic), nos Transportes, na Economia, nos Impostos...**um verdadeiro Super-Homem ... senão até mais competente e 'preparado' ...!!!**

Esquecendo a falta de criatividade, **que maravilha poder viver num estado tão bem administrado**, onde as pessoas nem mesmo precisam de cercas nas suas casas, tão seguras se sentem, onde existe o PLENO EMPREGO e onde todos são tão bem tratados pela saúde pública, pelo transporte público, pelos serviços públicos de modo geral... Na educação então, nem se fala, ter UMA HORA A MAIS de aula deixou todos os professores e alunos MARAVILHADOS..., eles adoram, mormente no período da tarde, poder sair já à noite das aulas e caminharem até as suas casas..., pelas nossas tranqüilas e bem iluminadas ruas e avenidas (sic...)..., e com o fabuloso Escola da Família então..., nem mais reconhecemos os nossos filhos e filhas, tão 'cultos' se tornaram: ... aprendem inglês, espanhol e alemão... talvez até japonês..., cantam e dançam como artistas famosos, ou praticam esportes como campeões..., um verdadeiro espetáculo !!!... E as famílias, então, que desfrutam hoje de todo o lazer proporcionado pela 'magnífica estrutura' de atendimento que foi implantada nas escolas públicas... e dos monitores bolsistas... (das Unips e etc...) !!! Os professores e diretores, então, como estão contentes e motivados... Também, o salário deve ser de 'primeiro mundo'... **Isso e que é vida boa...!!!**

Após o minguado tempo dedicado aos demais candidatos - coadjuvantes... -, para fechar com 'chave de ouro', **tem início a superprodução petista**... aquele mesmo partido, que outrora foi 'dos trabalhadores'... mas que, a exemplo do PSDB também traiu os seus nobres ideais e a esperança do povo, mostrando sua verdadeira legenda: a de partido dos traidores... e outras coisas mais... **Mas, na TV, tudo muda !!!** Ao contrário do PSDB, o que o povo vê é mesmo uma superprodução, digna de um OSCAR da Academia... onde nenhum detalhe é esquecido, desde o magnífico e

moderno 'pano de fundo' até a presença de locutores, representantes "politicamente corretos" das três raças - **o negro, o vermelho e o branco... ops!!!... esqueceram o amarelo...**-, locutores esses que, com extrema maestria, demonstrando que com DUDA ou sem DUDA o PT esbanja e dá aulas em termos do uso da telinha, **devolvem o 'orgulho' ao sofrido povo brasileiro**, nas asas de um magnífico AVIÃO levantando vôo... da auto-suficiência na produção de petróleo pela Petrobrás, e das fantásticas obras que 'prepararam' o país para não mais ser do futuro... mas do presente, para não mais estar entre os subdesenvolvidos, mas sim 'par a par' com os ricos e poderosos... **o Brasil como uma verdadeira potência, em qualquer área**, seja na segurança, na saúde, até na 'TECNOLOGIA' com a TV digital (mas esta não é japonesa ??? Pasmem todos os pensantes... mas estes são poucos...), na educação, enfim, uma verdadeira aula sobre a 'competência petista' - sem nenhum dos corruptos... -, demonstrada pelos 'grandes feitos' desses últimos quatro anos... e que pretende continuar, **PARA O BEM DO BRASIL, é lógico!!!**

Prezados amigos e amigas, como é, deveras fascinante, viver num país tão bem administrado, por gente tão competente, honesta e trabalhadora..., que fez com que o bom e velho emprego ressurgisse das cinzas, com que a saúde nunca tenha estado tão bem (hic... hic...), vide o atendimento nos hospitais públicos e no maravilhoso INSS... que a educação, visto as DUAS HORAS A MAIS DE AULA... ou o ANO ADICIONAL..., esteja formando verdadeiros gênios, nas mais diversas disciplinas, MORMENTE NA MATEMÁTICA, haja visto a 'TREMENDA...' classificação que os brasileiros obtiveram no concurso internacional... um honroso... lugar... (dizem que a ordem dos fatores não altera o produto, portanto, se iniciarmos contando do final da fila... deve estar tudo bem...) !!! E a bolsa família, então, este um VERDADEIRO ACHADO... de verdadeiros administradores, com 'muita... e põe muita nisso... VISÃO'..., pois esse dinheiro garante o direito à vida (hiccc... compra de consciência não... hic...) de todos os brasileiros, mesmo os mais pobres...

Segundo essa visão, lógico que este país é, de longe, o MELHOR PAÍS DO MUNDO !!!...

Saibam todos que, até mesmo eu, que me considero razoavelmente inteligente e um livre-pensador entusiasta, por alguns segundos me deixei levar por esta belíssima mensagem, '**sonhando acordado**' ao som da música do MEU CANDIDATO nas eleições de 2002..., aquele mesmo em que eu, assim como outros milhões de brasileiros e brasileiras tanto confiamos:... o 'Lullinha Paz e Amor', como ele se referia a si próprio na época... e cujos discursos de posse mantenho publicados neste portal durante todo esse tempo, como importante documento-referência ([CLICK AQUI](#)), a que todos podemos recorrer para avaliar as diferenças entre o prometido e o efetuado...!!!

Todavia, Graças a Deus, meu anjinho da guarda, ou espírito familiar, ou protetor amigo... ou qualquer outro nome que o queiram..., me despertou em tempo desse devaneio 'viciante', um assédio digno das mais audazes técnicas de condicionamento mental massificado já utilizadas pelo mundo civilizado -

talvez somente Hitler e Stalin tenham sido tão competentes -, **onde a realidade nua e crua é distorcida e substituída por mentiras aceitáveis...**, colocadas de tal forma que a mente incauta acaba comprando o 'gato por lebre'..., ficando inerte e sem argumentos contra o verdadeiro espetáculo pirotécnico apresentado...

Mas como é que podemos argumentar contra tantos fatos... como é que podemos saber quando se trata da VERDADE ou da MENTIRA ??? E isso se não entendemos a complexidade de um governo, seja ele estadual ou federal, em suas mais intrincadas facetas... Como pode o povo simples e ordeiro - às vezes até um pouco ignorante -, deste país maravilhoso chamado BRASIL saber se está ou não sendo enganado por mentes inescrupulosas ???

SIMPLES... SIMPLÉRRIMO !!!

Sempre que tenhamos qualquer dúvida em nossas vidas, qualquer que seja a área ou assunto, basta voltarmos os nossos olhos e ouvidos para aquele inolvidável ser, o Mestre da Sabedoria e da Sensibilidade, que aqui esteve para nos mostrar o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA... e que foi categórico: ninguém vai ao Pai senão por Mim !!! Ainda mais, nos ensinou que a árvore BOA somente dá BONS FRUTOS... e que a árvore MÁ somente MAUS FRUTOS... e que esta última deve ser CORTADA e lançada ao FOGO... e que embora tenha sido muito complacente com vários pecados, **NUNCA aceitou MENTIROsos e HIPÓCRITAS**, os quais sempre afrontou, pôs a descoberto e combateu...

Mas o que isso tem a ver com o assunto em questão ??? **Analisemos, não a Ilha da Fantasia que os candidatos, tanto do PSDB como do PT, tentam nos vender em suas propagandas, mas a NOSSA REALIDADE**, nua e crua..., a nossa vida e a qualidade dos serviços públicos que recebemos, como clientes-pagadores de impostos, tentando responder à perguntas simples:

1- **Sobre o EMPREGO**: Será que temos mesmo um bom emprego, através do qual podemos viver dignamente, onde temos segurança e perspectivas de realizar os nossos sonhos, quer seja de um carro novo ou de uma casa nova, das sonhadas férias ao final de cada ano e de conseguir, ao final de uma vida de TRABALHO HONESTO E DIGNO um boa aposentadoria, que nos dê o conforto e a paz que todos os seres humanos almejam na terceira idade ??? Será que nossos filhos e filhas têm boas perspectivas de arrumar trabalho, não importando a área de sua predileção ou qualificação, que mesmo que humilde possa lhes dar uma vida digna e feliz ?

2- **Sobre a SEGURANÇA**: vivemos num bairro, numa cidade, num estado ou num país seguros ? Podemos sair tranquilamente pelas ruas, sem sobressaltos a cada sinal ou a cada pessoa que nos aborda ? Nossos filhos podem sair livremente, aproveitando ao máximo a sua infância, adolescência ou juventude, seja nos clubes, nos esportes, nos estudos ou no trabalho, sem que precisemos nos preocupar com sua segurança, além daquelas necessárias preocupações de todos os bons pais e mães ?

3- **Sobre a SAÚDE**: somos bem atendidos quando temos que nos dirigir a um pronto-socorro, hospital ou a uma consulta, utilizando-nos da estrutura de saúde pública vigente ? Podemos confiar numa operação em hospital público ou numa simples receita de um médico público, ou mesmo no nosso convênio, que

pagamos a tantos tempo ? Como somos tratados nesses lugares, com civilidade e respeito ou como gado ?

4- **Sobre a EDUCAÇÃO:** temos plena confiança em que nossos filhos e filhas, utilizando-se da educação pública, seja ela municipal, estadual ou federal - em primeiro e segundo graus -, estejam sendo preparados, adequadamente, para competirem em igualdade com os egressos do ensino particular, quando dos exames vestibulares para as melhores universidades ? Este fato é fundamental para que possam sonhar com uma vida melhor, e isso deve ser conseguido por **seus próprios méritos e inteligência**, sem terem que recorrer a qualquer tipo de embustes, tais como as famigeradas cotas para pobres, para índios ou para negros, uma completa distorção que está sendo vendida como solução..., quando nem de leve toca a causa, nem mesmo resolve coisa alguma nos efeitos... criando, em adição, a aberração de uma subcategoria de cidadãos jovens..., de segundo nível... até mesmo auto-discriminada...

Ainda sobre educação, quero aqui tecer mais alguns comentários: os candidatos estão vendendo **UMA hora ou DUAS horas a mais**, ou **UM ANO A MAIS** no ensino fundamental e de segundo-grau como se fosse a nova descoberta da América... Nem um minuto pararam para pensar em como pensam e como sentem as crianças que estão sendo submetidas a essa carga adicional... talvez nunca tenham sido meninos ou meninas em suas vidas... acho que nunca brincaram na areia... **já nasceram grandes... e burros...** e ainda defendem a Escola em Tempo Integral - ou depósito de crianças -, como se fosse solução... Infelizmente, caros leitores, a verdadeira **EDUCAÇÃO NÃO SE MEDE PELA QUANTIDADE, MAS PELA QUALIDADE !!!!...**

Pouquíssimas escolas brasileiras têm o mínimo da infra-estrutura necessária a uma Escola de Tempo Integral - ginásios, piscinas, teatros, alojamentos, banheiros adequados e tantos outros...-, mas isso é um 'mero detalhe'... Todos os que tiveram o privilégio de estudar no sistema antigo de ensino, assim como eu - onde haviam NOTAS de zero a dez, disciplina, respeito aos professores, diretores e colegas, onde qualquer criança saía do Grupo Escolar sabendo ler e escrever no idioma pátrio, assim como as quatro operações da aritmética e a tabuada, de cor e salteado... ou não saía até aprender...-, **sabem muito bem do que é que a educação brasileira realmente precisa: VERGONHA-NA-CARA !!!!...** , porque a **DISCIPLINA É IRMÃ INSEPARÁVEL DA EDUCAÇÃO...**, e se assim procedermos poderemos voltar à carga horária de quatro horas... com férias de UM MÊS em Julho e de DOIS meses no final do ano... sem nenhum problema, porque ninguém é de ferro... e estudar - de verdade - cansa e muito e esgota, tanto aos alunos como aos professores !!!

Outro dia estive discutindo com um candidato a deputado federal por São Paulo... e ele me dizia que **a Escola em Tempo Integral é extremamente necessária para tirar os jovens das ruas... e do crime...** Vejam bem... os criminosos podem permanecer nas ruas, sem qualquer problema... porque somos incapazes de os retirar... portanto, uma solução

simples se apresenta para esse problema: **vamos PRENDER AS NOSSAS CRIANÇAS...** , aliás, assim como já estamos presos em nossas casas, cheias de grades, cercas elétricas e tudo o mais... As escolas públicas 'modernas', na sua maioria, dão nojo a qualquer um, porque **mais se parecem PRESÍDIOS do que ESCOLAS...** Afinal, é muito mais fácil prender as crianças nessas escolas horríveis do que educá-las... e PRENDER OS VERDADEIROS CRIMINOSOS... que permanecem à espreita nas suas cercanias...

Uma raça de víboras e hipócritas, esses novos fariseus da política brasileira, contra quem devemos nos insurgir com a máxima urgência, se é que pretendemos salvar este país...

Concluindo, pois esse artigo já ficou muito mais longo do que eu próprio gostaria..., se você respondeu acertivamente a todas as quatro perguntas formuladas, **PARABÉNS**, você deve mesmo votar em qualquer um dos dois candidatos que aparecem nos primeiros lugares das "pesquisas" - pesquisas que para mim carecem de qualquer credibilidade, a exemplo do Referendo do Desarmamento, quando apontavam 90% de SIM... e as urnas demonstraram que o SIM não ganhou em nem um estado sequer... SIC... -, e vote de acordo com seu gosto particular, porque para o Brasil, **tanto faz LULA ou ALCKMIN !!!**

Agora, se a sua resposta foi um sonoro NÃO às perguntas, ou a parte delas, **NÃO SE ENGANE**, deixe de ser POCOTÓ, pois você não é o ASNO DE QUATRO PATAS que esses senhores acreditam que seja... você é um ser humano, que possui inteligência, e as suas opções são outras..., estão entre aqueles que quase não têm tempo para falar, pois eles ainda não estiveram no poder, não foram testados !

Lógico que também podem estar mentindo, até acintosamente, mas somente o descobriremos quando dermos a eles a oportunidade de governar... assim como o fizemos e nos decepcionamos com o Collor, com o FHC, com o ALCKMIN e com o LULA... Afinal, **uma grande maneira de conhecermos o verdadeiro caráter de uma pessoa -que tipo de árvore ela é-, é dando-lhe, ou dinheiro adiantado ou PODER...**

Aí sim, ela vai nos mostrar de que barro realmente é feita !!! "

Recebido em fevereiro de 2010.

Aceito em março de 2010.